

Quintanilha e a quarentena mortífera (VII)

“Domitinho tudo bem?” O telefonema, em plena quarentena, às 6 horas da manhã, me assustou. Até eu me refazer do impacto, achando que era do Ministério da Saúde convocando para a autópsia, levei uns dois ou três minutos, em silêncio.

“Domitinho, Domitinho?” “Oi”, respondi. “Aqui é o Quinta.”

Aí fiquei mais confuso, achei que era o call center do Quinta D’Or. Nessas horas, um turbilhão de ideias invade a sua mente. Pensei que a medicina privada do novo ministro tinha assumido a pandemia. Pensei que Dona Zilá tivesse sido levada de madrugada pela ambulância da UNIMED e eu não consegui acordar. Pensei também que eles queriam vender um plano de saúde, o que era mais plausível. Aí, já mais acordado, esperei. *“SIM.”*

“Aqui é o Quintanilha, seu grande amigo do primário, lembra do nosso trato?”

Mais três minutos e acordei de vez. Na época que estudei com Quinta no Rivadávia Correia os meninos faziam troca-troca. Para quem não sabe, na época, um dava pro outro. Às vezes tinha desavenças, porque o que tinha comido primeiro saía correndo.

Depois, pra comer o segundo era um perrengue nem sempre resolvido.

Eu e Quinta éramos muito amigos, mas nunca tivemos coragem suficiente para honrar a cultura juvenil do colóquio anal da época. Certo dia, depois de abdicarmos daquelas aventuras penetrativas, combinamos: *“Não vamos fazer troca-troca, mas sempre que um precisar do outro, vamos nos complementar...”*

Ao lembrar dessa sentença do passado remoto dei um pulo (o primeiro) na cama. *“Oi, Quinta, lembro sim, como você está?”* Aí, pai nosso, começou a ladainha: *“Poxa, Domitinho, quanto tempo, tenho muita saudade. Soube que você mora em Copacabana. Estou aqui em Presidente Prudente. Fui demitido e minha mulher entrou com uma ação protetiva contra mim. E eu nem fiz nada. Minha filha está morando com a avó. Estou aqui sozinho e tenho pensado muito em você...”* Fez-se um silêncio e eu senti a trolha se aproximando....

“Você se importaria de eu ficar aí com você durante a quarentena?”

Na hora lembrei de Madre Teresa de Calcutá, do Mahatma, da Irmã Dulce e até do Dom Paulo Evaristo Arns, mas fiquei mudo. Eu só ouvia o Quintanilha falando *“Alô... alô... alô... alô... alô...”* Dei um salto medalha de ouro de ginasta olímpico (o segundo) da cama. Marli se assustou e ainda tentou me segurar. Eu só queria alcançar a minha sogra. Nessa hora sua surdez era cruel e também salvadora. *“Oi Dona Zilá, gritei, BOM DIA.”*

Ela já estava a postos me esperando para levá-la à farmácia, como sempre, algumas horas antes. Entreguei o telefone para ela e gritei rápido em 90 decibéis: *“Dona Zilá, tem um maluco aí me ameaçando de morte, se ligar dá um jeito.”*

Foram os 15 minutos mais tensos da minha vida. Eu que estava, nessa altura, há séculos de quarentena, suava frio, perdi o olfato, tossia e quando já estava entrando em insuficiência respiratória, tocou o telefone. Dona Zilá não ouviu, mas quando eu botei na mão dela, a vibração me salvou.

“Meu filho eu sou uma velha surda, cadeirante, em quarentena e você vem me chamar de Domitinho? Vai pra puta que te pariu.” E desligou.

Nesse dia eu levei a sogra três vezes à farmácia... •••